

## A BIOÉTICA COMO UMA RETÓRICA DO BEM COMUM DA VIDA<sup>1</sup>

Vinicius Romanini<sup>2</sup>

### Resumo

O objetivo deste ensaio é sugerir algumas contribuições do pragmatismo e da semiótica elaboradas pelo filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce para o entendimento da bioética. Conceitos como autonomia e auto-organização são discutidos sob a perspectiva da retórica, o terceiro ramo da lógica, e compreendida como método geral para o compartilhamento de significados e produção de conhecimento numa comunidade interessada em cultivar normas coletivas que regulem a experiência estética, a conduta ética e o raciocínio lógico. Unindo estética, ética e lógica em torno de propósitos gerais socialmente definidos, a retórica é a ciência do equilíbrio entre a ação prudente e as finalidades últimas da vida, onde os dilemas da bioética ocorrem.

**Palavras-chave:** bioética, retórica, Peirce

### Introdução

A bioética é uma disciplina recente e, portanto, ainda aguardando contornos mais precisos quanto a seu objeto e métodos, o que só a pesquisa científica e o debate social poderão definir no futuro. Não há dúvida, porém, que seu objeto é complexo e que seu campo é essencialmente multidisciplinar, senão transdisciplinar, o que recomenda abordagens epistemológicas que privilegiem a comunicação entre os atores envolvidos com problemas bioéticos.

Para a finalidade deste ensaio, vamos apresentar uma definição provisória e tentativa que preserve a imaturidade do campo de maneira a não restringir ou constranger futuros desdobramentos. *Strictu sensu*, definimos bioética como o estudo das normas gerais que fundamentam a conduta prudente por parte dos profissionais das ciências biomédicas. *Lato sensu*, é a ética aplicada às ações humanas que impactam nos fenômenos da vida.

De forma geral, o objeto da bioética são os dilemas morais envolvidos em decisões contingentes, ou seja, em situações concretas, relacionadas aos seres vivos. A bioética surgiu em meados do século XX com a tomada de consciência, por parte das sociedades e agentes públicos, de que a pesquisa científica e ações patrocinadas pelos estados podem ter efeitos nocivos graves e irreversíveis aos seres humanos em particular, e aos seres vivos em geral, se

---

<sup>1</sup> Trabalho originalmente apresentado no XI Colóquio Michel Debrun “Auto-organização e Bioética” (outubro/2013).

<sup>2</sup> Professor doutor na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), editor científico da revista SEMEIOSIS ([www.semeiosis.com.br](http://www.semeiosis.com.br)) e pesquisador do projeto temático “Auto-organização, Sistemática e Informação” (Fapesp).

não forem reguladas e sujeitas a um contínuo exame crítico com base em normas aceitas universalmente. A bioética ganha importância crescente numa sociedade cada vez mais complexa e multifacetada, por um lado, e pelo poder cada vez maior que a ciência e a tecnologia possuem para interferir no destino dos seres vivos e espécies. São algumas fontes atuais de dilemas bioéticos:

- Novas tecnologias de intervenção genética.
- Novos procedimentos terapêuticos na área de saúde.
- A criação de seres vivos como atividade econômica.
- A pesquisa científica com seres vivos.
- A diversidade religiosa e cultural das sociedades modernas.
- O empoderamento do paciente, que passa a questionar e recusar práticas terapêuticas.
- O controle e uso da informação coletada sobre os seres vivos.

Da perspectiva que nos interessa para este artigo – que é o da retórica como método para a reformulação e estabelecimento de crenças, opiniões que justifiquem ações práticas – os dilemas da bioética ocorrem quando há choque entre máximas da conduta prudente. As máximas são asserções lógicas de cunho geral e que expressam um conteúdo moral compartilhado por uma comunidade onde a máxima tem validade. Alguns exemplos de máximas:

- A vontade do paciente deve ser respeitada.
- O profissional de saúde deve evitar o sofrimento desnecessário.
- Os interesses econômicos não devem se sobrepor aos direitos à vida e à saúde.
- O interesse coletivo é mais importante que o individual.
- Toda vida deve ser preservada.
- A vida de um ser humano é mais importante do que a de um animal.

Na lógica, máximas são postulados, ou seja, premissas gerais que funcionam como princípios-guia para produzir conclusões necessárias no caso concreto. Ou seja, as máximas são as premissas maiores de um silogismo clássico, como estudado desde o *Organon* aristotélico. Vejamos o exemplo:

**Todo paciente deve ser informado sobre sua condição de saúde e respeitado na sua vontade de ser tratado.**

Sócrates é um paciente do médico Hipócrates

Hipócrates deve informar Sócrates sobre seu estado de saúde e respeitar sua vontade de ser tratado por ele.

A premissa maior do silogismo acima, destacada em negrito, funciona como a máxima que encarna o princípio-guia do silogismo na figura Barbara: se A é B e B é C, então A é C (CP 2.710). No entanto, por pertencerem ao senso comum, as máximas éticas ou morais são premissas geralmente subentendidas. Ou seja, elas não são explicitadas e, muitas vezes, sequer são conscientes. Por isso, o silogismo fica reduzido a um discurso opinativo:

O médico Hipócrates deve informar o paciente Sócrates de seu diagnóstico e respeitar sua vontade de ser submetido a um tratamento.

A supressão da premissa maior produz um **entimema**, ou seja, um silogismo incompleto. Entimemas têm interessantes características que os relacionam diretamente aos dilemas bioéticos:

- A premissa maior suprimida é geralmente uma crença ou opinião estabelecida.
- Por se manter implícita, a crença não se submete ao crivo lógico e, portanto, pode carregar preconceitos arraigados.
- Sua validade é estabelecida social e culturalmente.
- Ela depende da experiência compartilhada num contexto histórico (a fronesis ou sabedoria popular).
- É uma regra para a conduta, mas falível e adaptável no caso concreto.
- Ela é, portanto, razoável - mas não racionalista.
- Baseia-se num processo de causalção lógica (finalidade teleológica), ou seja, ela se apresenta como preceito para a realização de um fim.
- Ela depende de um estado de informação sobre o assunto, o que abre uma janela de possibilidade para novas informações possam transformar a base dessas inferências.

Vamos defender aqui que as questões da ética em geral, e da bioética em particular, são entimemáticas: dizem respeito a uma conduta prudente, ou ação razoável, guiada por crenças compartilhadas socialmente. Enquanto a lógica dedutiva pode ser computada por algoritmos, ou seja, por uma sequência de passos encadeados de maneira linear, a lógica que regula a conduta ética assenta-se sobre fundamentos ao mesmo tempo vagos e gerais.

- Vagos porque têm um forte componente emocional, senão afetivo, o que impede uma determinação biunívoca entre o caso e a norma a ser aplicada.
- Gerais porque abstraem do caso concreto e recomendam um **tipo condicional** de ação, ou seja, dizem respeito ao que “seria” a ação adequada, onde a lógica contrafactual tem papel relevante.

Como resultado, o pensamento entimemático exige uma lógica mais ampla que a dedutiva. Precisa envolver formas de juízo sintético, baseados na percepção e na experiência real, bem como o compartilhamento de sentimentos em comunidades historicamente definidas. Em outras palavras, os dilemas da bioética não são solucionados por meio de regras pré-estabelecidas, mas exigem a discussão crítica, por meio da qual as máximas em conflito são explicitadas.

### **A Retórica de Peirce**

O filósofo, lógico e matemático norte-americano Charles Sanders Peirce (1839-1914) foi um dos primeiros filósofos a perceber que a lógica tradicional não dava conta dos problemas da vida, e que um novo método científico precisava ser desenvolvido para escaparmos ao mecanicismo positivista. Nesse empreendimento, Peirce deu duas importantes contribuições ao pensamento ocidental:

- (1) a semiótica, ou teoria geral dos signos, entendida por Peirce como uma lógica que descreve os processos de representação e de inferência capazes de produzir conhecimento; e
- (2) o pragmatismo, definido por Peirce como um método para clarear nossas idéias e evitar confusões filosóficas.

Semiótica e pragmatismo se unem, porém, no conceito de semiose, ou ação do signo: um processo contínuo de desenvolvimento, aumento de informação e de conhecimento. A filosofia é exemplo de atividade semiótica e pragmática, como explica o próprio Peirce:

A filosofia deveria imitar as ciências de sucesso e seus métodos, de forma a proceder apenas a partir de premissas tangíveis que podem ser julgadas por um cuidadoso escrutínio, e confiar antes na multiplicidade e variedade de seus argumentos do que na conclusão de apenas um. Seu raciocínio não deve formar uma corrente que não seja tão mais forte do que seu elo mais fraco, mas um cabo cujas fibras possam ser tão delgadas, desde que sejam suficientemente numerosas e intimamente conectadas. (CP 5.265)

Negando o racionalismo artificial do “cogito” cartesiano, distante dos problemas da vida que realmente interessam, Peirce ensina que “não devemos fingir duvidar em nossa filosofia o que não duvidamos em nossos corações”. (CP 5.265)

Em vez de assumir verdades absolutas e evidentes, e depois proceder dedutivamente, a filosofia deveria se ancorar no senso comum, assumindo seus preconceitos de forma o mais

clara possível, mas com a disposição de autocrítica, de aprender com a experiência e de transformar sua opinião no curso da pesquisa.

O pragmatismo foi proposto como um meta-método, ou princípio-guia geral, aplicável a todo processo de pesquisa. Como regra de conduta razoável, pode ele mesmo ser expresso por uma máxima:

“O inteiro significado intelectual de todo e qualquer símbolo consiste na totalidade de todos os modos gerais de conduta racional que, em todas as diferentes circunstâncias e desejos, condicionalmente decorreriam da aceitação do símbolo.” (CP 5.438)

A semiótica de Peirce se divide em (CP 2.93):

- 1) Gramática: “a doutrina das condições gerais para que símbolos e outros signos tenham um caráter significante”.
- 2) Lógica Crítica: “a teoria das condições gerais de referência dos símbolos e outros signos aos seus objetos professados, ou seja, a teoria das condições de verdade”.
- 3) Retórica Especulativa, ou Metodêutica: “a doutrina das condições gerais de referência dos símbolos e outros signos aos interpretantes os quais eles visam a determinar”.

Ora, o pragmatismo se une naturalmente ao terceiro ramo da semiótica de Peirce: a Retórica como Metodêutica, ou “método para divisar métodos”:

o *Grundsatz* da retórica formal é que uma idéia deveria ser apresentada de uma forma unitária, abrangente e sistemática. É por isso que um diagrama que se mostra complexo e incompreensível por causa da multidão de suas linhas é instataneamente rendido claro e simples com a adição de mais linhas, essas linhas adicionais vindo para mostrar que aquelas que estavam lá antes eram apenas partes de um sistema unitário. O matemático sabe bem disso. Temos visto que há inúmeras dificuldades com “algum” e “todos”. O matemático quase completamente liberta-se do “algum”; pois onde quer que algo estranho e excepcional ocorre, ele amplia seu sistema de modo a torná-lo regular. Repito que este é o princípio primordial da retórica da auto-comunhão. Ninguém que desdenhe isto pode atingir qualquer grande sucesso no pensamento. (CP 4. 116).

A mesma idéia é oferecida abaixo:

(...) uma classe que consista de um monte de coisas misturadas de maneira desregrada deve agora ser vista apenas como uma forma degenerada de uma idéia mais geral de sistema. Generalização, que até então significava passar para uma classe maior, deve agora significar tomar a concepção de todo o sistema do qual víamos antes apenas um fragmento, etc, etc. (...) é evidente que a retórica especulativa, ou lógica objetiva (...) está destinada a se transformar em uma doutrina colossal da qual se pode ser esperar levar à mais importantes conclusões filosóficas. (CP 3.454)

A regra de fundo é esta: o real não admite o caos completo, o ininteligível, a total desorganização. Haverá sempre um elemento de regularidade, de contínuo, de probabilidade. Auto-organização, para Peirce, é um processo de “auto-comunhão” pelo qual diferentes partes de um sistema se unem sob a *forma* de uma ideia capaz de revelar e tornar ativa a real continuidade entre suas partes. A estética (a ciência das formas), portanto, tem um papel determinante no processo de auto-organização.

### O fundamento estético

Peirce define a estética como ciência normativa que estuda como as qualidades de sentimentos imediatas se generalizam em disposições gerais de sentimento, produzindo hábitos emocionais. Ele nos dá a seguinte definição do “esteticamente bom”:

(...) para ser esteticamente bom um objeto deve ter uma infinidade de partes tão ligadas umas às outras que possa dar uma qualidade positiva imediata a sua totalidade; e o que puder fazer isso é esteticamente bom, não importa o que venha ser a qualidade particular desse todo. (CP 5.132)

Os hábitos de sentimentos produzidos pela percepção estética fundamentam nossas crenças, que nada mais são do que hábitos mentais socialmente construídos. Exemplos de hábitos são as leis naturais probabilísticas, as disposições naturais ou instintivas, mas também nossas crenças individuais ou sociais.

O grau de enrijecimento dos hábitos dá a medida da *autonomia* de um sistema:

- Sistemas regidos apenas por *leis naturais* não têm autonomia.
- Sistemas vivos governados pelo *instinto* têm um grau baixo de autonomia.
- Sistemas vivos regidos pela *ação mental* têm graus mais elevados de autonomia, podendo produzir inferências lógicas e alterar seus hábitos de maneira a perseguir propósitos.

Nossas crenças (hábitos sociais hipotéticos) embasam os entimemas que guiam nossas condutas éticas. Diante dos dilemas bioéticos, portanto, essas bases implícitas, não conscientes, precisam ser explicitadas para que não fiquemos paralisados na aporia dos juízos que se apresentam em aparente contradição.

Ou seja, precisamos buscar o fundamento estético, contínuo, comunicacional, capaz de subsumir entimemas conflitantes sob a ordem de princípios mais gerais.

A melhor maneira de fazer isso é produzir um diagrama lógico que represente as relações gerais entre as partes, que inicialmente se apresentam de maneira desregrada e até

conflitante. Como resultado da construção do diagrama, o entimema transforma-se de um de silogismo incompleto a **dialogismo**. (CP 3.171) O símbolo em ação, na semiose, é exemplo desse dialogismo, pois sua adoção tem a capacidade de determinar certos *tipos* de efeitos, que são as conclusões extraídas do diagrama.

A vantagem do diagrama é que ele permite agir mentalmente sobre as relações representadas, em busca de uma harmonia que se revelaria como resultado final do processo, conduzindo o dialogismo à conclusão. O método diagramático de raciocínio envolve autonomia porque depende de hábitos mentais flexíveis, assumidamente falíveis, capazes de autocrítica e disposição para mudar. Porém, também depende da auto-organização, ou “auto-comunhão”, como um processo de comunicação e fusão entre as partes numa forma geral que se revela esteticamente como o fundamento das condutas eticamente razoáveis.

Um dilema bioético pode ser resolvido quando a comunidade interessada se une para construir um diagrama lógico que evidencie as relações envolvidas, eventualmente fragmentárias e distantes à primeira vista, mas que ao serem representadas na forma do diagrama produzem uma imagem geral (um ícone) que então passa a fundamentar uma nova visão do problema.

O resultado, então, não seria o descarte de uma das máximas envolvidas no dilema. Seria a produção de uma nova máxima, mais geral e vaga, e que pudesse produzir uma síntese entre as duas máximas. O que antes se mostrava em choque agora é subsumido sob um novo princípio-guia. O dilema se dissolve na generalização que preserve a harmonia estética. A conduta prudente passa a ser a que melhor expressa a nova crença estabelecida na comunhão dos participantes. Do ponto de vista da semiótica e do pragmatismo, a bioética é a retórica do bem comum da vida.

### **O caso dos beagles**

Um caso emblemático de dilema bioético com evidentes implicações retóricas foi a polêmica invasão do Instituto Royal, em São Roque (SP), por um grupo de ativistas defensores do fim da pesquisa médica com seres vivos, em outubro de 2013. Viu-se que tanto a grande imprensa quanto as redes sociais passaram vários dias dando vazão a depoimentos inflamados por parte dos que militam nas extremidades opostas do dilema.

De um lado, os ativistas tentavam provar os maus-tratos sofridos pelos cachorros da espécie beagle, mas na verdade buscando evidências para reforçar a máxima “Toda vida deve ser preservada”. De outro, médicos especialistas afirmando que o estado atual da pesquisa médica impossibilita o desenvolvimento de novos medicamentos e terapias sem que animais

sejam usados na fase de testes, mas que na verdade expressa a máxima “A vida humana é mais importante do que a de outras espécies animais”.

Em casos como este, o dilema bioético só pode ser dissolvido quando as duas máximas envolvidas são explicitadas e submetidas a um processo lógico e retórico de coleta de informação, compartilhamento de opiniões, diálogo aberto entre os participantes e busca comum por uma opinião consensual que possa ser adotada como norma socialmente aceita.

A aceitação incondicional da máxima implícita entre os ativistas nos obrigaria a rever hábitos culturais tão arraigados que provavelmente desfiguraria toda nossa cultura, submetida agora a uma regra de conduta sem fundamento na experiência de vida das pessoas. De outro lado, a máxima expressa pelos que defendem o uso de animais na pesquisa científica, se exacerbada, levaria a um antropocentrismo cínico.

Um debate fundado nas regras pragmáticas da retórica deveria permitir alcançar um novo nível de abstração, em que essas duas máximas conflitantes pudessem ser subsumidas a uma mais geral e vaga, embora esteticamente mais perfeita e com a possibilidade de ser aplicada aos casos concretos sem perder a essência de sua forma.

Seria provavelmente uma máxima que colocasse em relevo a distinção entre essencial e supérfluo, mas levando em consideração que tudo aquilo que o ser humano faz movido por interesses é inescapavelmente antropocêntrico. O interesse humano é aquilo que é. Contudo, o que é realmente o interesse humano não cabe a este, aquele ou a qualquer grupo limitado de seres humanos ou aquele ser humano afirmar. É o que *seria* estabelecido pelo conjunto dos seres humanos interessados em discutir seus interesses.

## Referências

COLAPIETRO, V. M. C. S. *Peirce's Rhetorical Turn*. Transactions of the Charles S. Peirce Society – Volume 43, Number 1, Winter 2007, pp. 16-52.

PEIRCE, C. S. *Collected Papers* (Vols. I a VIII). Ed. Eletrônica. Charlottesville e Cambridge: Intalex Co. & Harvard Univ. Press, 1992.

\_\_\_\_\_. *The Essential Peirce* (2 vols.). HOUSER, N. et al (Eds.) Bloomington: Indiana Univ. Press, 1992 e 1998.

SABRE, M. R. Peirce's Abductive Argument and the Enthymeme. In: \_\_\_\_\_. Transactions of the Charles S. Peirce Society, Vol. 26, No. 3, Summer 1990, pp. 363-372.

TALLMON, J. M. “Toward a Grammar of Rhetorical Reason”. Internet: [http://www.phc.edu/rr\\_towardagrammarofrhetoricalreason.php](http://www.phc.edu/rr_towardagrammarofrhetoricalreason.php). Acesso: outubro/2013.

## **BIOETHICS AS A RHETORIC OF LIFE'S COMMON GOOD**

### **Abstract**

The purpose of this essay is to suggest some contributions for the understanding of bioethics given by pragmatism and semiotics, as developed by the American philosopher Charles Sanders Peirce (1839-1914). Concepts such as autonomy and self-organization are discussed from the perspective of rhetoric, the third branch of logic, understood as the general method for the production of knowledge and the sharing of meanings in a community interested in cultivating collective norms to govern aesthetic experience, ethical conduct and logical reasoning. Joining aesthetics, ethics and logic around general purpose socially defined, rhetoric is the science of the balance between prudent action and the ultimate purposes of life, where bioethical dilemmas occur.

**Keywords:** bioethics, rhetoric, Peirce